

A Virgem Maria no Tempo da Páscoa

Quisera oferecer uma meditação sobre o sentido da presença discreta e até escondida da Mãe do Ressuscitado, no mistério desses cinquenta dias de alegria pascal que chamamos de Tempo de Pentecostes.

É tempo do Cristo Ressuscitado, presente no meio de seus discípulos desde a manhã da Páscoa. É tempo do Espírito Santo cuja efusão, São João Evangelista antecipa na tarde do Domingo da Ressurreição, para sublinhar que o dom do Espírito Santo é sopro do próprio Ressuscitado, transmitido a seus apóstolos (cf. Jo 20,22-23), para que prossigam a mesma obra que Jesus levou até o fim. É tempo da Igreja, da humanidade nova que é o corpo do Ressuscitado que através das aparições de Jesus a seus discípulos, alegra-se com a certeza de sua presença até o fim dos tempos em sua peregrinação histórica (Mt 28,20). É tempo de Maria, a Mãe de Cristo Ressuscitado que sente a alegria pelo triunfo de seu Filho, discípula entre os discípulos, aquela que foi testemunha da Ressurreição, da Ascensão e de Pentecostes. Vamos elucidar de uma maneira simples, a presença de Maria nestas três ocasiões, à luz da Liturgia, com elementos tradicionais e novos, do Oriente e do Ocidente, baseando-se também na iconografia e na tradição bíblico-litúrgica. Queremos assim, suprir discretamente, o silêncio dos dados encontrados nos evangelhos sobre Maria.

Trata-se da presença e do exemplo de Maria no centro dos mistérios que selam a missão salvadora de seu Filho, da Ressurreição até o Pentecostes.

1. Maria na alegria da Ressurreição

Não vamos embarcar na difícil tarefa de justificar uma aparição de Jesus Ressuscitado à Virgem Maria. Existe literatura abundante, nos apócrifos, nos escritos dos Padres que se deixaram convencer pelos apócrifos, e até mesmo nos Evangelhos que se esforçam para ver em uma das Marias que receberam a aparição de Jesus, à Virgem Mãe de Deus. Nem é este o lugar para que sejamos seduzidos pelos clássicos livros da Vida de Maria que falam da primeira aparição do Senhor a sua Mãe, ou pela abundante literatura espiritual sobre este tema. Vamos simplesmente perscrutar os textos litúrgicos, que são escritos de fé, que no âmbito da celebração dos mistérios, adquirem o valor do verdadeiro “sensus fidelium”.

Que Maria seja testemunha da Ressurreição de seu Filho, ninguém duvida. Sua presença no cenáculo, a espera do Espírito Santo, é um dado essencial. A experiência de Maria como Mãe e discípula não terminou ao pé da Cruz. Maria é associada plenamente à continuidade do mistério de Cristo na dimensão do Espírito, que se inaugura na manhã da Páscoa e tem como momento estelar a efusão do Espírito Santo, em Pentecostes. A experiência de Maria se enriquece, cresce e adquire, como no Calvário, toda a dimensão tipológica de “experiência eclesial”, quando a Mãe de Jesus aparece como figura e Mãe da Igreja nascente.

2. O Oriente Bizantino

A Liturgia bizantina que com tanta emoção canta a presença de Maria ao pé da Cruz e põe em seus lábios os mais comovedores lamentos pela morte de seu Filho, é bastante discreta quando se refere à alegria Pascal que sente a Mãe de Jesus. O “megalínario” ou Canto à Maria que se intercala nas orações Eucarísticas depois da epíclise, no momento em que se recorda a Virgem na comunhão dos Santos, tem a finalidade, de acentuar esta alegria:

«O Anjo exclamou a Cheia de Graça:

‘Virgem Pura rejubila!’

De novo digo, rejubila,

teu Filho ressuscitou do túmulo ao terceiro dia.

Resplandece, resplandece, ó Nova Jerusalém,

pois a glória do Senhor, brilhou sobre ti.

Exulta agora, e alegra-te Sião.

E tu, ó Mãe de Deus toda pura,
Rejubila na Ressurreição do teu Filho.»

A última parte deste hino é de autoria de São João Damasceno, que é cantado na Grande Vigília Pascal Bizantina. A Mãe de Cristo é associada à alegria da Nova Jerusalém, da Igreja que nasce da Ressurreição. Mas o texto tem conteúdo simbólico sugestivo. As palavras do Anjo no primeiro anúncio “Alegra-te, cheia de Graça”, tem agora a dimensão do grande anúncio da Páscoa. Os anjos são os primeiros evangelistas, como também as mulheres que receberam o anúncio e o comunicaram aos discípulos incrédulos. A liturgia bizantina por isso, as honra com o título de “iguais-aos -apóstolos” ou, “apóstola-dos-apóstolos”.

Entre estas mulheres, portadoras de perfumes (miróforas) e evangelistas, Maria está incluída, e é testemunha da Ressurreição. A alegria deste segundo anúncio que a Virgem recebeu, parece, nos sugerir o texto bizantino, recordar todas as promessas do primeiro “alegra-te” da Anunciação como também as palavras que Jesus repetiu muitas vezes a seus discípulos e que Maria, junto com tantas outras, conservava em seu coração: “Ao terceiro dia ressuscitarei”.

Neste texto bizantino, podemos encontrar a fonte da antífona Mariana que a Igreja do Ocidente repete durante todo o tempo pascal: “Rainha do Céu, alegrai-vos, aleluia”.

Entre os tropários da Ressurreição que a Liturgia Bizantina canta todos os domingos, o do sexto tom, conservou também uma breve recordação do encontro de Jesus com sua Mãe:

«Enquanto Maria estava diante do sepulcro

a procura de teu imaculado corpo,

os anjos apareceram em teu túmulo

e as sentinelas desfaleceram.

Sem ser vencido pela morte,

submeteste ao teu domínio o reino dos mortos,

e vieste ao encontro da Virgem revelando a Vida.

Senhor, que ressurgiste dos mortos, glória a Ti!»

Uma antiqüíssima ilustração iconográfica faz eco a esta convicção dos cristãos, transmitida pela tradição oral. O Evangeliário de Rábbula de Edessa, dos finais do século VI, conservado hoje na Biblioteca Laurenziana de Florêncja, apresenta a cena das mulheres indo ao sepulcro na manhã da Páscoa, ao lado da cena de Maria junto ao pé da Cruz.

3. A Liturgia do Ocidente

Em plena consonância com as expressões bizantinas, uma oração visigótica para o Dia da Ressurreição é dedicada à Virgem Mãe de Deus, quando vai buscar o corpo de Jesus no sepulcro, que alguns evangelistas atribuem à Maria de Magdala:

«Senhor Jesus Cristo,

com que ardoroso desejo e devoção

buscava tua bem aventurada Mãe,

por todos os rincões teu corpo,

quando mereceu receber do Anjo o anúncio

para que não mais chorasse,

pois estavas já ressuscitado...»

Como feliz prolongação da tradicional Antífona Mariana: “Rainha do Céu, alegrai-vos...”, o Missal Romano de Paulo VI elaborou várias orações para as Missas Votivas à Mãe Deus, no Tempo Pascal, recorrendo à alegria da Virgem pela Ressurreição de seu Filho.

Atualmente, compilou-se novas orações para as Missas dedicadas à Maria como a Missa “À Virgem Maria na Ressurreição do Senhor”, cujo conteúdo sintetiza de maneira apropriada o que a devoção dos fiéis havia sempre colocado em relevo: a presença de Maria no Mistério do Cristo Ressuscitado. Maria, a Virgem da Páscoa, tem na Liturgia Ocidental, orações litúrgicas que celebram e propõem uma união indissolúvel da Mãe de Deus com o triunfo de seu Filho.

Como canta o Prefácio desta Missa:

«Porque na Ressurreição de Jesus Cristo, teu Filho, encheste de alegria a Santíssima Virgem e premiaste maravilhosamente sua fé; ela havia concebido o Filho crendo, e, crendo esperou sua

Ressurreição; forte na fé, contemplou o dia da Luz e da Vida, na que, dissipada a noite da morte, o mundo inteiro alegrou-se e a Igreja nascente, ao ver novamente o seu Senhor imortal, se alegrou entusiasmada».

A alegria da Virgem na Páscoa, é a alegria da Igreja que se exulta pelo triunfo de Cristo e encontra a cada ano, no Mistério Pascal, a fonte de seu regozijo, de sua esperança e de seu empenho.

4. A Virgem nas Ascensão do Senhor

A solenidade da Ascensão do Senhor, quarenta dias após a Ressurreição, celebra a subida gloriosa de Cristo à direita do Pai. É também o momento final da presença visível do Senhor Ressuscitado em meio a seus discípulos. Diz São Leão Magno: o que era visível em Cristo passou-se aos Sacramentos da Igreja

A presença de Maria na Ascensão do Senhor é um dado que a tradição nos passa através da iconografia. A liturgia bizantina recorreu aos ícones para elaborar seus ofícios litúrgicos para este dia, dando destaque a presença de Maria neste acontecimento.

Desde a primitiva representação da Ascensão do Senhor, em Monza, do século IV ou V, Maria ocupa o lugar central entre o grupo dos discípulos que dirigem seu olhar ao Senhor que ascende aos céus, rodeado por anjos. Os anjos anunciam que tal como havia subido ao céu, Ele voltará cheio de glória (At 1,10-11). O Evangelho de Rabbula de Edessa oferece uma imagem a este respeito com um colorido impressionante. Os detalhes da Virgem Maria são espetaculares. De pé, entre o grupo dos apóstolos ocupa o lugar central. Está revestida com um manto púrpura da "Theotokos", a Mãe de Deus; suas mãos estão numa posição de oração, como se quisesse acompanhar o movimento de ascensão de seu Filho.

A liturgia bizantina recorre à iconografia para elaboração de alguns tropários referentes a esta festa, dando voz a expressão iconográfica. Um texto das Vésperas da Ascensão canta:

«Era conveniente que quem, como Mãe,
sofreu mais que ninguém a Paixão,
fosse agraciada por contemplar
a Gorificação de Teu Corpo».

E, associando a Mãe aos apóstolos, testemunhas essenciais dos acontecimentos, segundo as Escrituras, a Liturgia Bizantina expressa a Teologia deste mistério com esta oração:

«Doce Jesus,
que sem abandonar a comunhão com o Pai,
quiseste submeter a nossa humanidade
entre os habitantes desta terra,
e que hoje, do Monte das Oliveiras
subiste em glória, elevando o homem contigo
por amor à natureza decaída,
fizeste este mesmo homem
sentar-se contigo junto a teu Pai.
Por isso, os exércitos angélicos,
assombrados, cheios de reverência,
magnificam teu imenso amor pelos homens.
Junto com eles, também nós habitantes da terra,
glorificamos tua vinda até nós
e tua ascensão aos céus.

Encheste de alegria o grupo dos doze apóstolos
e a Bem-aventurada Virgem Maria que te gerou,
faz-nos dignos da glória dos eleitos,
por suas orações e tua grande misericórdia».

A teologia litúrgica que se desprende da iconografia do Mistério da Ascensão desenvolve amplamente o significado da presença de Maria neste episódio. Sublinha especialmente o caráter eclesial desta presença. No meio dos discípulos e em uma antecipação da espera pelo

Pentecostes, Maria é a imagem da Igreja nesta terra. Sua atitude orante, com as mãos elevadas para o céu, é a expressão da epiclese, ou seja, a ardente invocação do Espírito Santo pela Igreja, esposa de Cristo. Desde o momento da Ascensão do Senhor, a Virgem suplica que o Espírito Santo venha habitar entre nós.

A mesma série de ícones apresentada no Evangeliário de Rabbula apresenta a cena do Pentecostes com uma assombrosa identidade com a Ascensão: o lugar que ocupava o Senhor na cena da Ascensão é ocupado pela pomba do Espírito Santo que derrama chamas de fogo sobre as cabeças dos apóstolos e de Maria. Há uma razão profunda para a presença de Maria neste mistério. A Virgem foi testemunha da entrada de Jesus neste mundo pela encarnação em seu ventre. Dela o Verbo recebeu a carne que agora é levada à glória do Pai e é introduzida para sempre no seio da Trindade. Maria aparece como testemunha da humanidade de Cristo que é glorificada. Termina desde modo os acontecimentos visíveis de seu Filho na Terra. Mas Jesus se faz presente visivelmente nos Sacramentos da Igreja. Da mesma forma que Maria sentiu o Senhor encarnar-se em seu seio, também ela, é digna de vê-lo subir em glória, cujo corpo passou por tantos sofrimentos.

5. A Virgem Maria no Mistério do Pentecostes

«Os discípulos dedicavam-se à oração em comum, junto com Maria, a Mãe de Jesus». (At 1,14)

Para a presença de Maria no Cenáculo de Pentecostes contamos com a breve e significativa referência de São Lucas que narra este acontecimento no Livro dos Atos dos Apóstolos. Desta forma, este texto coloca Maria inserida no seio da comunidade apostólica pois, no momento da descida do Espírito Santo, ela está com os apóstolos. Assim escreveu X. Pikaza, um dos melhores artigos escritos sobre este particular:

«Que contribuição traz Maria, na visão dos estudiosos que interpretam a vida de Jesus? Os Apóstolos são testemunhas de sua atividade e de sua Páscoa; as mulheres testemunham a força de seu amor pela humanidade e a realidade de sua morte; os seguidores testemunham os milagres e sua misericórdia. E Maria? Ela testemunha o seu nascimento e sua infância comprovando sua verdadeira humanidade».

Jesus não poderia ser concebido pela Igreja como plenamente humano se faltasse o testemunho de uma Mãe que o gerou e o educou. Na visão da Igreja, Maria faz parte da vida de Jesus, mesmo sendo uma testemunha silenciosa: “Guardava tudo em seu coração” (Lc2,19-51). Há algo que nem os apóstolos, nem as mulheres nem seus seguidores poderiam testemunhar a não ser Maria que entregou à Igreja tal testemunho: sua humanidade e divindade.

O fato de Maria aparecer nos ícones sempre no meio dos Apóstolos embasa fortemente o pensamento de estar inserida significativamente na comunidade apostólica, pois ela continua, com sua presença, a evangelizar; e recebe, por outro lado, dos que compreenderam a profundidade de sua fé e missão, a honra de ser chamada “Bem Aventurada”

A efusão do Espírito, como sabemos, tem impressionantes semelhanças com o mistério da Anunciação. É a mesma força que desce do alto, a mesma que cobriu Maria com sua sombra e agora enche o coração dos apóstolos. Os lábios de Maria, na Anunciação se abriram para cantar o Magnificat; e no Pentecostes os apóstolos anunciaram as obras do Senhor a todos os homens em várias línguas. Lá é o mistério do Cristo que se encarna; aqui é o mistério da Igreja que nasce. Maria então é aquela que está presente de maneira singular nestes acontecimentos que obedecem uma continuidade: da Encarnação do Verbo ao nascimento da Igreja, por meio do Espírito Santo.

6. A iconografia

Também no Pentecostes, a iconografia nos oferece uma mensagem da fé da Igreja. O códice de Rabbula de Edessa, fonte inspiradora da iconografia oriental e ocidental, coloca a Virgem de pé no centro da Igreja apostólica; a pomba, símbolo do Espírito Santo, é colocada verticalmente sobre sua cabeça, lançando sobre ela a chama mais abundante do fogo pentecostal. Maria

aparece, como na Ascensão, no centro, como figura e modelo da magnífica presença feminina na Igreja, e lembra também o rosto de Jesus, no meio de seus apóstolos.

Para este ícone quisera evocar sobriamente uma sugestiva exegese da Teologia Oriental.

Escreve o Teólogo V. Lossky:

«O Espírito Santo

apareceu em forma de línguas de fogo,

separadas umas das outras,

e pousaram sobre a cabeça dos que ali estavam,

sobre cada um dos membros do Corpo de Cristo.

O Espírito Santo se comunica com as pessoas,

marcando cada membro da Igreja

com o selo da relação pessoal

e única com a Trindade».

O Espírito de Pentecostes une e distingue. Plasma a pessoa em sua irrepetível singularidade, em seu próprio carisma mas, por sua vez, faz destas mesmas pessoas comunhão umas com as outras. Não é uma fusão que as despersonaliza. A Igreja é comunhão de pessoas, chamadas uma a uma pelo mesmo Espírito, salvaguardando cada singularidade, cada vocação e cada missão, para que participem da plena unidade, como imagem da Trindade. Maria ocupa assim seu lugar na Igreja, pela sua missão, carisma, solidariedade, unidade e comunhão com os demais. Ela é parte da Igreja, discípula e apóstola, e que pela sua maternidade, teve a função de congregar a todos na comunhão, na oração perseverante, à espera do Paráclito.

7. Novas Missas

A Liturgia da Igreja quis preencher um vazio mariano na “eucologia” ocidental com as orações litúrgicas das missas votivas à Virgem Maria, que é o centro do mistério do cenáculo com a “Missa da Virgem Maria no Cenáculo” e a “Missa da Virgem Maria, Rainha dos Apóstolos.” Vale a pena recordar os textos centrais do Prefácio que evocam a simetria entre a Anunciação e a vinda do Espírito Santo e a simetria entre a Visitação de Maria à Isabel com a Missão dos Apóstolos:

«Por que nos deste na Igreja Primitiva uma exemplo de oração e de unidade admiráveis: a Mãe de Jesus orando com os discípulos. Aquela que esperou em oração a vinda de Cristo invoca, agora, o Defensor prometido com seus rogos ardentes e que na Encarnação do Verbo foi coberta pela sombra do Espírito, de novo é cheia de graça pelo dom divino, no nascimento de teu novo povo...»

Assim, com feliz intuição litúrgica, a Igreja reconhece em Maria as primícias de sua missão apostólica que parte do cenáculo cheio de ardor e da força do Espírito Santo:

«Porque ela, conduzida pelo Espírito Santo visitou, levando Cristo em seu ventre, o Precursor, dando-lhe alegria e benção; do mesmo modo Pedro e os demais apóstolos, movidos pelo mesmo Espírito, anunciaram a todos os povos o Evangelho que havia de ser para eles causa de alegria e salvação. Agora também a Santíssima Virgem pede, com sua intercessão incessante, para que anunciem o Cristo Salvador para o mundo».

Em plena recuperação do exemplo de Maria para a Igreja no exercício do culto divino, estas contribuições da espiritualidade litúrgica, com a ajuda do Oriente cristão e o inesperado presente da primitiva iconografia Mariana que é fonte da “lex credendi” (a norma da fé), podemos viver o Mistério do tempo Pascal. Na celebração do Mistério de Cristo que ressuscitou, subiu aos céus e enviou o Paráclito, a Igreja vê Maria, como testemunha especial destes acontecimentos, vivendo tais mistérios e os comunicando ao mundo.

(Autor: Jesús Castellano

Trad.: Pe. Paulo Augusto Tamanini)